

Jair Bolsonaro no universo da extrema direita

Jair Bolsonaro in the extreme right universe

Makchwell Coimbra Narcizo*

makch01@hotmail.com



<http://orcid.org/0000-0003-3665-3786>

RESUMO: A extrema direita volta a ganhar força no século XXI em diversas partes do mundo, mostrando que não se trata de um evento local ou de dimensões limitadas. Por conta disso explicitou-se a necessidade de compreensão acerca desse crescimento. No Brasil, Jair Bolsonaro, uma figura de extrema direita ascende ao poder gerando diversas perspectivas para o debate e dúvidas. Bolsonaro é mesmo de extrema direita? Como ele se configura como extrema direita e como dialoga com outros políticos e grupos do mesmo espectro político? O presente artigo visa compreender o crescimento da extrema direita e em especial o de Jair Bolsonaro no Brasil, tal como buscar compreender como se dá as relações do atual presidente brasileiro no interior desse cenário político.

PALAVRAS CHAVE: Bolsonaro; extrema direita; História.

ABSTRACT: The extreme right has regained strength in the 21st century in many parts of the world, showing that this is not a local event or of limited dimensions. Because of this, the need to understand this growth has become explicit. In Brazil, Jair Bolsonaro, an extreme right-wing figure has risen to power, generating several perspectives for debate and doubts. Is Bolsonaro really an extreme right-winger? How does he configure himself as extreme right-wing and how does he dialogue with other politicians and groups from the same political spectrum? This article aims to understand the growth of the extreme right and especially that of Jair Bolsonaro in Brazil, as well as to understand the relations of the current Brazilian president within this political scenario.

KEYWORDS: Bolsonaro; Extreme right; History.

A extrema direita voltou a ganhar força nos últimos anos, na Europa, nas Américas e em outros locais, algumas seguindo um modelo tradicional, outras criando nova roupagem para o discurso, mas invariavelmente, fazendo uso de novos artificios. Vários nomes são signatários desse crescimento, Marine Le Pen na França, Geert Wilders nos Países Baixos, Tom Van Grieken na vizinha Bélgica, Matteo Salvini na Itália, Nikolaos Michaloliakos e Ilias

*Doutor em História - PPGHI – UFU. Professor na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Unesp - Rio Claro. Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC Goiás - Estágio Pós-Doutoral.

Kasidiaris na Grécia, Recep Erdoğan na Turquia, Viktor Orbán na Hungria, Andrzej Duda na Polónia, Benjamin Netanyahu em Israel, Santiago Abascal na Espanha, Alexander Gauland e Alice Weidel na Alemanha, Jussi Halla-aho na Finlândia, Janez Jansa na Eslovênia, Martin Helme na Estónia, Kristian Thulesen Dahl na Dinamarca, Jimmie Åkesson na Suécia, Anders Behrens Breivik na Noruega, Albert Rösti na Suíça, Sebastian Kurz e Herbert Kickl na Austria, Rodrigo Duterte nas Filipinas, Nayib Bukele em El Salvador, Mario Benítez no Paraguai, Sebastián Piñera no Chile, Donald Trump nos Estados Unidos da América e por fim, Jair Bolsonaro no Brasil.

É imprescindível compreender as personagens em questão e seus locais no espectro político como extremas direitas, no plural, visto que são diversas e até divergentes entre si, tanto em forma quanto em estratégias. É importante salientar que estas não estiveram ausentes dos quadros políticos e eleitorais antes da virada do milênio, mesmo que os resultados não fossem satisfatórios para seus desígnios, estavam presentes e, desta forma, é possível compreender o seu crescimento como um projeto, não sendo algo acidental. Sua força no século XXI as coloca em um patamar não visto desde a era das massas, no início do século XX.

É necessário salientar que o presente esforço é limitado, ou ao menos insuficiente, na medida que não temos ainda uma análise global que dê conta de um processo que é mundial. Somando-se a isso o fato de que os grupos de extrema direita que tratamos não contam necessariamente com uma constância em suas ações ou em sua normatização ideológica assim, podendo se modificar através do tempo e em localidades específicas.

Antes de explicar porque os nomes listados são de extrema direita, é de bom tom fazer uma conceituação de extrema direita e a enquadrar em seu devido processo histórico.

Histórico da extrema direita

A extrema direita é uma cultura política tão antiga quanto a própria democracia moderna, tendo inclusive uma história própria. Por isso, tem uma história distinta da direita tradicional, mesmo que elas se cruzem em diversos momentos. Para qualquer abordagem da extrema direita é fundamental salientar que essa não se trata de um prolongamento radicalizado da “direita clássica” com a qual a visão de mundo rompe, rejeitando os valores fundamentais da clivagem direita-esquerda democráticas, vistos como ideais decadentes.

É bem verdade que a política, desde a Revolução Francesa, é marcada por uma díade como argumenta Norberto Bobbio (2011, p. 47-87), a qual coloca de lados opostos direita e

esquerda, sendo essas excludentes, e na medida em que nenhum movimento pode ser, simultaneamente, de direita e de esquerda (2011, p. 48). O pensador italiano apresenta como fundamental, em sua proposta de distinção, a diferença de atitude entre homens de direita e homens de esquerda no que diz respeito ao ideal de igualdade, sendo que o “homem de direita” aquele que busca, acima de tudo, salvaguarda a tradição; por outro lado, em sua distinção, o “homem de esquerda”, ao contrário, é aquele que pretende, acima de qualquer outra coisa, libertar seus semelhantes de cadeias impostas por privilégios de raça, casta, classe etc. Entre a direita e a esquerda está a “tradição” e “emancipação”, interpretadas como metas últimas ou fundamentais (2011, p. 97).

No mais, como afirmado acima, há uma história de uma cultura política que surge ao mesmo tempo, até um pouco antes da díade que marca os debates políticos e também suas ações. Trata-se da extrema direita, que por sua vez tem uma história própria, mesmo que em determinados momentos tal história se cruze com a díade apresentada.

É imprescindível salientar que apesar de ser empregado de forma quase automática, a utilização da expressão extrema direita é algo recente como expõem Jean-Yves Camus e Nicolas Lebourg, estes, tratando o caso europeu, especialmente francês, salientam que o termo veio a ser utilizado, de maneira mais corrente, em meados dos anos 1980, em sua caracterização os autores escrevem:

Sua ambiguidade fundamental é que ele geralmente é usado pelos adversários políticos da “extrema direita” como um termo desqualificativo, até estigmatizante, que visa reconduzir e reduzir todas as formas de nacionalismo partidário às experiências históricas que foram o fascismo italiano, o nacional-socialismo alemão, e suas variações nacionais mais ou menos similares da primeira metade do século XX. O rótulo “extrema direita” praticamente nunca é assumido por aqueles que o destacam e que preferem se designar pelas denominações “movimento nacional” ou “direita nacional”. (CAMUS; LEBOURG, 2015, p. 7, tradução nossa)

É importante compreendermos que o fato de a expressão extrema direita não ser usada continuamente antes do período citado, não quer dizer que não existia uma extrema direita, é possível destacar diversos partidos e forças políticas como extrema direita. Para os autores, tais características de novos atores do cenário político europeu fazem com que alguns partidos possam ser classificados como de extrema direita, mesmo não havendo um consenso entre eles, ou uma aceitação do termo como algo próprio, pelo contrário, na maioria dos casos o que há é uma recusa, tais partidos podem ser agrupados na observância das características apontadas

pelos autores, mesmo que se autodenominem direita nacional, movimento nacional ou outra apelação.

Segundo Carla Brandalise (2005, p. 54) a extrema direita:

Aparece em 1789, ao mesmo tempo em que a divisão direita-esquerda, ou seja, a diáde apresentada anteriormente e que protagoniza o espaço público político desde então. Ela é então constituída de todos que, rejeitando em bloco a Revolução, desejam um retorno praticamente completo ao Antigo Regime.

São grupos contrários à Revolução e que a tratam como uma punição divina, como afirma Daniel Gomes de Carvalho (2019), na medida em que, segundo os argumentos do respectivo grupo, a França, berço da Revolução, não teria guardado a fé cristã. Desta maneira, a extrema direita com apoio da Igreja Católica, no transcorrer do século XIX, manteve uma crítica ao liberalismo republicano e uma defesa integral do Antigo Regime.

O processo revolucionário como é sabido contou com diversos desdobramentos, e inserido neles estavam grupos totalmente contrários aos princípios revolucionários, não de maneira pontual, mas contrários à Revolução como um todo. Michel Winock (2015, p. 17-19) mostra que a Revolução contou com múltiplas resistências que podem ser classificadas em militar e político, mesmo sendo necessário distinguir o que é antirrevolução e contrarrevolução. Por antirrevolução entendem-se movimentos esparsos e desorganizados contrários à Revolução, já os movimentos organizados podem ser entendidos como contrarrevolucionários.

Carla Brandalise (2005, p. 54) chama a atenção que no fim do século XIX, por ocasião do Affaire Dreyfus e o lançamento da Action Française de Charles Maurras – que era antes de tudo um nacionalista –, essa mesma velha direita contrarrevolucionária passa por um rejuvenescimento. Por sua vez, os herdeiros da escola maurrasiana servirão em 1940 a um regime que lhes convém, a “Revolução Nacional” do Marechal Pétain.

É importante pontuar que o Affaire Dreyfus, como destaca Pierre Birnbaum (2015, p. 115), foi fundamental para que a extrema direita criasse uma mobilização nacionalista e antissemita. O imbróglho político-judicial esteve envolto a uma dimensão antissemita e antirrepublicana que deram novos contornos ideológicos para a extrema direita e assim, colocando o antissemitismo e o nacionalismo como protagonistas.

Nem as revoltas armadas e tampouco os movimentos antirrevolucionários espontâneos geraram uma base ideológica sólida no contexto da Revolução, o que vem acontecer, segundo Winock (2015, p. 25-29), somente em 1814 envoltos no desenvolvimento dos acontecimentos

de Waterloo, que é quando o que é possível chamar de uma doutrina contrarrevolucionária se espalhou pela França. A partir disso é possível considerar o movimento contrarrevolucionário como balizador de grupos de extrema direita na França, mesmo o próprio movimento passando por importantes transformações, como o ultra racismo e o integrismo.

Michel Winock (2015, p. 10) aponta que a partir da década de 1920, uma terceira tendência ganha contornos na extrema direita, o fascismo. O Estado totalitário, esboçado por Mussolini e seus colaboradores, passa a servir de modelo para alguns pequenos grupos franceses e seus líderes, como Pierre Drieu La Rochelle e Robert Brasillach, atacam deliberadamente a democracia na defesa dos regimes autoritários.

Como é possível notar os movimentos que derivam dos movimentos contrarrevolucionários são amplos, multifacetados e até mesmo contraditórios entre si. O que não impede que seja buscada uma identificação doutrinal entre elas, ou seja, uma identificação doutrinal que possa ser tratada como extrema direita. Apesar da diversidade é possível perceber semelhanças que possibilitam abarcar tais movimentos, sem perder de vista que tais grupos extremistas apresentam um corpo ideológico fluido e adaptável a determinados momentos históricos, que é o que possibilita sua perenização no decorrer da história.

Entretanto, é possível os agrupar a partir de determinadas características em comum, especialmente pelo fato de que a extrema direita rompe com a visão de mundo da “direita clássica”, rejeitando os valores fundamentais da clivagem direita-esquerda democráticas, vistos como ideais decadentes. Sobre sua caracterização, Carla Brandalise afirma:

Aspira, ao invés, o desmantelamento do sistema em vigor e a edificação de uma nova ordem com base em seus princípios. Não se reconhecendo necessariamente na sociedade aberta e em suas instituições, deseja um regime autoritário e hierarquizado, com um executivo forte e um chefe carismático. Imagina uma organização social fundada na considerada óbvia e natural desigualdade entre os grupos étnicos, dando origem à instauração do “governo dos melhores”, com o estrito controle da sociedade. Nega os direitos da oposição, as reorientações advindas da vontade da maioria, o debate de ideias. Em busca da homogeneização de comportamentos, cria a figura mítica do inimigo público, ora o judeu, ora o imigrante estrangeiro. Fundamenta, assim, no discurso identitário, no ethnos, contra o multiculturalismo, grande parte da sua interpelação ideológica à coletividade. Mostrava-se anticomunista e mais recentemente ataca o “materialismo capitalista” simbolizado pelos Estados Unidos; critica a globalização e a formação da Comunidade Europeia. (BRANDALISE, 2005, p. 55)

Como argumenta a pesquisadora, a extrema direita se constitui em um campo vastíssimo e em constante mutação, mas conta com características próprias. A partir dos inúmeros elementos que foram incorporados ao longo de sua história, sem se distanciar de sua visão de mundo própria, que a diferencia da “direita tradicional”, a extrema direita se opõe tanto a esquerda quanto aos ideais de direita, portanto, não é meramente uma direita extremista, é um grupo com ideias próprias.

Carla Brandalise (2005, p.15) apresenta algumas formas de ação da extrema direita, que objetiva criar uma sociedade orgânica, supostamente harmônica, distante dos conflitos de classe, promovendo a “restauração” dos costumes, da família, da autoridade paternal e masculina. Em tal empreitada, a nação é concebida como uma entidade suprema, assim sendo, seu interesse ultrapassa as liberdades individuais, visto que seu interesse é anterior a elas. Por isso, o patriotismo é prontamente utilizado podendo ser substituído pelo nacionalismo exasperado. Ponto fundamental é que busca se apresentar em geral, como revolucionária, buscando assegurar uma suposta identidade perdida no passado, a continuidade de uma época áurea. Busca de maneira estratégica não se reduzir a uma categoria ou classe social, mas atinge um alvo privilegiado, as classes médias baixas, com frequência atingida sobremaneira em períodos de desestruturação social, utilizando-se da expressão “povo” de maneira constante, sendo ainda possível distinguir uma extrema direita antidemocrática e uma democrática, o que chamaremos mais à frente de uma extrema direita aceitável e uma abominável, ou seja, uma que busca aceitação democrática e outra que busca o choque no interior das instituições.

Com isso é possível compreender a perenidade da extrema direita e, ao mesmo tempo, como esta consegue cooptar votos de camadas populares que são votantes tradicionais da esquerda. A partir de toda essa variedade e possibilidades será empregada no decorrer do presente texto extrema direitas no plural, na medida que elas se apresentam de várias formas, engana-se quem porventura acredite que existe apenas uma extrema direita.

As extremas direitas hoje

O notório crescimento eleitoral das extremas direitas no século XXI é algo concreto, mesmo sendo bastante diversa há semelhanças em sua natureza. Michel Winock (2015, p. 7, tradução nossa) afirma que “‘A extrema direita’ é uma tendência política difícil, mas um conceito suave”. Isso porque a “etiqueta” extrema direita se aplica a quase totalidade de fenômenos políticos e ideológicos que são qualificados como tal, em especial por parte de comunistas, liberais e socialdemocratas. No entanto, para Winock (20015, p. 07, tradução

nossa) “Cada expressão da extrema direita oculta uma novidade, mas também uma parte do legado”, é esta herança que une as distintas modalidades da extrema direita.

Mesmo em suas variadas formas as extremas direitas hoje são facetas da extrema direita histórica, ou seja, suas raízes remetem ao histórico apontado acima, sendo contrários aos ideais da Revolução Francesa como defende Michael Löwy (2015, p. 653). Há uma elevada gama de tendências, movimentos e partidos políticos, mesmo que tenham características comuns e, evidentemente, uma herança comum.

Dito isto, é possível perceber que mesmo diversas e com uma herança em comum em cada país, a extrema direita tem características próprias. Para Löwy (2019) os bodes expiatórios são diferentes em cada país, o pesquisador argumenta que, por exemplo, para Europa, Estados Unidos, Índia, Birmânia, o “inimigo” são os muçulmanos e os imigrantes, onde estes são minorias religiosas. Em outros casos, predomina o nacionalismo xenofóbico e o racismo, já em outros o fundamentalismo religioso, ou então o ódio à esquerda, ao feminismo e aos homossexuais.

Outros traços comuns à maioria são: o autoritarismo, a intolerância religiosa ou étnica de cunho racista contra um “outro”, a violência policial e militar como única resposta aos problemas sociais e à criminalidade. Löwy (2019) acrescenta ainda o nacionalismo integral – “*Deutschland über alles*” e suas variantes locais: “*America First*”, “*O Brasil acima de tudo*”, “*Au nom du Peuple*”.

Desta maneira, de forma paradoxal, as extremas direitas estão em torno do fascismo e seu modelo. Na verdade, uma explicação que se propõe aqui baseia-se no fascismo. Podendo assim construir uma tipologia para classificar tais movimentos.

Löwy (2021) destaca três tipos de movimentos e especialmente partidos, sendo eles: (1) Partidos de caráter diretamente fascista e/ou neonazista, tendo alguns exemplos: o Aurora Dourada, da Grécia; o Setor Direito, da Ucrânia; o Partido Nacional Democrata, na Alemanha, que são movimentos abertamente fascistas ou neonazistas; somando-se a eles várias outras forças menores e menos influentes. (2) o que o pesquisador classifica como partidos neofascistas, isto é, com raízes e fortes componentes fascistas, mas que não podem ser identificados com o padrão fascista clássico. Estes, se apresentam em diferentes formas, como exemplos: o Rassemblement National, da França; do FPÖ, da Áustria; e do Vlaams Belang, da Bélgica, entre outros. Por fim, (3) partidos de extrema-direita que não possuem origens

fascistas, mas compartilham do seu racismo, xenofobia, retórica anti-imigrante e islamofóbica. Neste grupo, os exemplos são numerosos, como a Lega Nord na Itália, o suíço UDC (União Democrática do Centro), o britânico Ukip (Partido de Independência do Reino Unido), o holandês Partido da Liberdade, o norueguês Partido Progressista, o Partido dos Verdadeiros Finlandeses (True Finns) e o Partido do Povo Dinamarquês. Tendo ainda casos moderados nessa terceira caracterização, tal como os Democratas Suecos, com origens claramente fascistas (e neonazistas), mas que têm feito grandes esforços, desde os anos 1990, para apresentar uma imagem mais “moderada”.

É importante destacar que mesmo esses partidos e movimentos promovem mudanças em suas estratégias e assim, possuem reformulações em suas bases e automaticamente nas possíveis classificações.

A análise parte de partidos europeus, mas como temos afirmado desde o princípio, o fenômeno do crescimento da extrema direita não se resume apenas ao solo europeu. Exemplos como a Índia, EUA, Brasil, El Salvador e diversos outros podem ser caracterizados como extrema direita.

Nestes países há uma diferença em relação aos exemplos tratados acima, estes, não estão no interior de um partido ou um movimento duradouro que permitem tratar suas modificações, mesmo assim, é possível os enquadrar na tipologia apresentada. Desta maneira, é possível enquadrar Índia no modelo 3 e Estados Unidos da América, Brasil e El Salvador no 2.

Neofascismo

Como pôde ser notado a classificação proposta parte do conceito de fascismo, mais especificamente neofascismo. Existem divergências em tratar o conceito de fascismo em nossos dias, pois uma questão vem à tona que é a possibilidade do fascismo hoje.

As divergências se dão especialmente por conta das interpretações a respeito da possibilidade de continuidade do fascismo após sua derrocada, parte-se aqui de duas abordagens, que podem ser entendidas como complementares, para uma breve explicação da questão.

Para Edda Saccomani (1998, p. 466-475), trata-se de um conceito com diversas abordagens e com uma pluralidade grande de enfoques, o que deixa o seu trato na esfera acadêmica bem complexa, além também de sua subjetividade.

No entanto, apresenta, preliminarmente, três abordagens para uma compreensão do fascismo, sendo: 1) Que se refere ao seu cerne histórico, sendo constituído pelo fascismo italiano em uma historicidade singular; 2) É relacionado à dimensão internacional que o fascismo alcançou, com suas finalidades políticas específicas e particularidades organizacionais na Itália e Alemanha; 3) Estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com o que foi definido como “fascismo histórico”, de certo núcleo de características ideológicas e/ou critérios de organização e/ou finalidades políticas. Saccomani salienta que, na terceira acepção, o termo assume contornos indefinidos, que se tornou difícil sua utilização com propósitos científicos, havendo assim uma tendência de se restringir o uso apenas ao fascismo histórico (SACCOMANI, 1998, p. 466).

As interpretações acerca da dimensão do fascismo envolvem questões acadêmicas e também políticas, visto que o conceito é apropriado e utilizado em diversas formas. De um lado existe uma sacralização do conceito e por outro, uma vulgarização do mesmo, ou seja, de um lado tudo se torna fascismo; de outro, certa sacralização do conceito, nada mais é fascismo, o conceito fica suspenso no tempo histórico.

Robert Paxton (2007) alerta que o fato de acreditarmos ou não na possibilidade do fascismo hoje parte especificamente do que necessariamente entendemos por fascismo. Para o autor (2007, p. 285-286), os que advogam que ele está voltando podem o fazer a partir de uma definição bastante frouxa, já os que alegam sua morte, o fazem com uma categorização excessivamente rigorosa o que impossibilita pensar para além de seu contexto original. Por outro lado, a versão mais aceita alega que as condições que o fascismo histórico, ou seja, original, ascendeu deixaram de existir.

Em seu aclamado *A anatomia do Fascismo*, Paxton, faz uma pergunta bastante direta, “o fascismo ainda é possível?” (2007, p.283) buscando refletir acerca da possibilidade do fascismo em outros locais e em outras temporalidades. O autor explica: “por exemplo, um novo fascismo teria que, necessariamente, demonizar algum inimigo interno ou externo, mas esse inimigo não teria que ser o povo judeu” (p. 287), em sua argumentação, Paxton prossegue levantando possibilidades de como seriam tais inimigos para locais específicos, na América do Norte um fascismo, após o 11 de setembro, antinegro e religioso, na Europa Ocidental seria laico, marcadamente anteislâmico, mais que antisemita, já na Rússia e Leste Europeu teria um caráter religiosos, antisemita e eslavófilo e antiocidental. O autor não trata o Brasil, entretanto,

é possível o caracterizá-lo em um fascismo misto, laico e religioso, anticomunista e com uma religiosidade com construções não em uma tradição, mas focada em seus líderes.

Paxton escreveu seu célebre livro no início do século XXI, ele é assustadoramente profético para a época, os neofascismos que ascenderam após o livro publicado e seguem o roteiro apresentado pelo pesquisador britânico. Hoje, é possível afirmar que o neofascismo é uma realidade bastante concreta na política ocidental.

Pois bem, é evidente que a Europa que foi palco para o surgimento do fascismo não existe mais, o que não significa que a Europa de hoje e as que se projetam não tenham permanências da Europa que permitiu o fascismo. Logo, de um ponto de vista histórico, um evento não se repete, o que não significa que este mesmo evento não se ressignifique e inspire nos eventos, uma análise histórica aliás, deve sempre levar em consideração tais ressignificações.

Bolsonaro neofascista

Tendo sustentação em Sacomanni (1998) e em Paxton (2007) é possível entender um neofascismo no Brasil e assim analisar Jair Bolsonaro a partir disso, para tal, buscamos ainda respaldo em Michael Löwy (2015). Partindo disso, é imprescindível salientar que nem todo movimento de extrema direita pode ser caracterizado como fascista, logo, quais os mecanismos para caracterizar Bolsonaro como um neofascista.

É possível dizer que movimentos genuinamente fascistas estão inseridos na realidade histórica do fascismo clássico, mesmo assim, como tratado no início do texto, há movimentos tipicamente fascistas, ou seja, são movimentos que se fixam na simbologia e estratégias fascistas sem necessariamente fazer atualizações para o período que estão inseridos, são movimentos saudosistas e não necessariamente projetos políticos com viés fascistas, os casos descritos anteriormente como o Aurora Dourada na Grécia, funcionam como grupos fascistas que acabam sendo inseridos na política, já os neofascistas são grupos com orientação fascista, com uma atualização temporal, fazendo normalmente uma leitura da realidade que estão inseridas e são grupos políticos fascistas, não o inverso, assim, podem até negar as ligações com o fascismo, desde que isso os ajudem a alçar ao poder e implementar suas ideias com orientações fascistas.

No decorrer de sua carreira política e vida pessoal, Jair Bolsonaro, demonstrou e demonstra características fascistas, se pegarmos o conhecido trabalho de Umberto Eco, *O*

Fascismo Eterno (2018) Bolsonaro “gabarita”, 1 – Culto a tradição; 2 – Recusa para com a modernidade e da herança iluminista; 3 – A ação pela ação, ligada diretamente ao irracionalismo; 4 – Aversão à ciência e ao pensamento crítico; 5 – Medo do diferente; 6 – Apelo às classes médias frustradas; 7 – Nacionalismo e xenofobia; 8 Inveja e medo do “inimigo”, seja esse real ou imaginário; 9 – Princípio de guerra constante, podendo ser entendido também como antipacifismo; 10 – Elitismo e um desprezo pelos mais fracos; 11 – Heroísmo e culto a morte; 12 – O constante uso de questões sexuais, machismo, homofobia e uma fixação por armas; 13 – Populismo celetista e oposição ao parlamento; 14 – Novilíngua, um léxico pobre que visa limitar o raciocínio crítico.

A correlação pode parecer simplista ao extremo, todavia, nos serve no momento para expressar o óbvio, trata-se de uma personagem com orientações fascistas bem demarcadas e explicitadas. No entanto, o trabalho aqui proposto visa ser uma análise mais apurada, mesmo acerca de questões óbvias, o fascismo é um conceito polifônico que exige uma reflexão mais alongada.

De maneira sensata, para tratar tanto o fascismo histórico quanto o neofascismo, é necessário os tratar para além das categorias e assim, buscando sua historicidade e respeitando sua diversidade. Neste intuito, Odilon Caldeira Neto (2020) e Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (2020) servem como suporte inicial, na medida que a intenção da presente reflexão não é necessariamente traçar um histórico do neofascismo brasileiro.

Caldeira Neto (2020, p.123), com o auxílio de Egon Maitino (2018) e Mateus Pereira (2015) observa que a atuação de políticos como Jair Bolsonaro ajudaram a compor um processo de depuração no interior do campo da direita brasileira, propiciando a formação de um novo campo da direita brasileira, caracterizada pela exaltação da ditadura civil-militar, seus crimes e, em especial, o anticomunismo, levando a sua variação mais recente, o antipetismo. Traz também a questão das “guerras de memória” em torno de eventos como a Comissão Nacional da Verdade, e a formação de uma rede de grupelhos de extrema direita impulsionada pelo negacionismo da mais recente ditadura brasileira.

Para chegar em tal argumento o pesquisador realiza um mapeamento das relações entre grupos e tendências da extrema direita brasileira com partidos políticos a partir do fim da transição democrática, tratando especialmente as estratégias da extrema direita brasileira ao longo da “Nova República” até o período atual, observando suas relações com os partidos políticos. Com isso, Caldeira Neto (2020, p. 126) observa:

O momento de abertura do campo político ao longo dos capítulos finais da transição democrática coincide com uma relativa pulverização de diversas pequenas organizações da extrema direita, que buscavam relacionar-se com a abertura das possibilidades do campo político, todavia, com um ambiente fortemente refratário. A partir desse quadro, pode-se observar as estratégias, em especial durante os processos eleitorais e a relação com partidos políticos. (CALDEIRA NETO. 2020, p.126)

É essa pulverização entre os grupos de extrema direita que torna sua relação no campo partidário tão complexa, entretanto, é imprescindível observar que tais grupos se fazem presentes de maneira marcante. Com isso, Caldeira Neto traça um histórico desse conturbado processo, o qual destacamos alguns pontos que nos interessam no presente momento.

Apresenta um ponto importante, que no momento em que se constituiu o processo de transição democrática até o processo de delineamento das primeiras eleições para presidente da República, em 1989, o cenário da extrema direita brasileira foi de grande ramificação e desarticulação, os grupos de extrema direita se dividiram entre lideranças ligeiramente consagradas (como Jânio Quadros), outras buscavam articular-se nos referenciais em contrariedade aos movimentos sociais de esquerda (como Ronaldo Caiado). Em outros momentos, a figura da liderança emergente (Fernando Collor). Dando sequência, já no processo eleitoral de 1989 aparece a figura do médico Enéas Ferreira Carneiro, que não tivera qualquer trajetória política anterior, se lançando candidato no interior do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), partido que liderou sua fundação no mesmo ano. Neste ponto, é importante destacar que “Na expressão politicamente organizada da direita, coube ao PRONA se articular com diversas tendências existentes, refinando seu discurso, em que o apelo à ordem e à autoridade se coadunava com a denúncia de uma conspiração a destruir a soberania nacional.” Destacando que não houve necessariamente uma articulação efetiva em torna de uma candidatura. Assim, o PRONA permaneceu como principal referência institucional da extrema direita brasileira até 2006, quando o partido foi extinto. (CALDEIRA NETO. 2020, p.128-135)

Após a extinção do partido não houve um grande aglutinador da extrema direita brasileira. No processo eleitoral de 2018, após momentos de transformações abruptas na república brasileira, com o fomento de bodes expiatórios como o comunismo e o PT, mesmo não havendo uma articulação lógica e racional entre eles, ascende Jair Bolsonaro, um nome que agradava os grupos mais radicais da extrema direita. Com aproximação ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), que emplacou na chapa vitoriosa o vice, Hamilton Mourão, partido esse que segundo Caldeira Neto (2020, p. 132) desde o fim do PRONA foi um partido que agregou os mais radicais. Sobre isso o pesquisador conclui:

A hipótese e o argumento que aventamos é que, mais do que a existência de um padrão de articulação de grupos neofascistas ao longo da experiência da chamada Nova República, a movimentação das novas direitas ajuda a interpretar de modo mais efetivo a formação de um “bolsonarismo”. Isto é, as organizações neofascistas passam a se aproximar de Bolsonaro – e do bolsonarismo – durante sua fase de crescimento e as agitações das novas direitas, mas o bolsonarismo não é fruto direto das articulações de grupos neofascistas, inclusive porque tais grupelhos não são dotados de expressiva força política. (CALDEIRA NETO. 2020, p.134)

Destacamos aqui essa aproximação de grupos neofascistas ao bolsonarismo, demarcando que não foram os únicos grupos e tampouco um apoio decisivo, mas uma aproximação real e marcante. É possível incluir até mesmo grupos anti-Estado, o que faz do bolsonarismo um movimento amplo.

A eleição de Jair Bolsonaro inicia um capítulo novo na história da República, fazendo com que grupos abertamente de extrema direita estejam de forma oficial no governo, ou como expressam e Pereira Gonçalves e Caldeira Neto (2020, p. 193) “com a posse de Jair Bolsonaro, surgiu um novo capítulo para a extrema direita brasileira, agora ela está no poder”.

Desde sua posse, Jair Bolsonaro não buscou um tom republicano e conciliador, pelo contrário, radicalizou ainda mais seus discursos, os usando inclusive como ferramenta política. No entanto, apesar das aproximações de grupos com afeições fascistas e neofascistas à sua candidatura e eleição não é possível, até então, o caracterizar, apenas por isso, como um ou neofascista. Todavia, em tal análise, há outros pontos que merecem atenção.

O governo Bolsonaro tem aproximações com a estética e ideologia nazista como tem salientado há algum tempo Michel Gherman (2020), historiador, antropólogo, pesquisador e analista político, professor da Universidade Federal Fluminense, coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da UFRJ, pesquisador da Ben Gurion University e Diretor Acadêmico do Instituto Brasil-Israel. Tendo o presidente, segundo o pesquisador, desde 2012 citado David Irving repetidamente, se abraçou com um sócia de Hitler, Marco Antônio Santos, em 2015 após audiência pública na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. O slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” tem inspirações em um dos bordões nazistas mais famosos “Deutschland über alles”, traduzido “Alemanha acima de tudo”. Os quadros do governo são compostos por neonazistas, como o caso de Roberto Alvim, que construiu um projeto cultural com inspirações diretas com a propaganda nazista, sendo que inclusive, em seu vídeo de lançamento, houve uma tentativa de emulação de um discurso do ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels, outro membro do governo, o assessor especial

para Assuntos Internacionais da Presidência da República, Filipe Martins, durante sessão no Senado com o ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, fez um símbolo utilizado por movimentos de “supremacia branca” nos EUA, sem contar um tio imaginário do atual presidente que teria supostamente lutado pelo exército nazista na Segunda Guerra Mundial. Gherman chega a afirmar que a natureza do governo Bolsonaro é nazista. O espantoso é que o presidente da República não se mostra incomodado com isso.

Bolsonaro no interior da extrema direita

Ao tratarmos de diálogos de Jair Bolsonaro com outros grupos de extrema direita não significa que desconsideramos as dificuldades naturais com comunicação que ele carrega, tendo dificuldades notórias com a fala e com o vernáculo, sendo um empecilho descomunal em comparação com outros políticos do mesmo espectro. É importante salientar que este produz uma política de bajulação, o que ficou expresso em suas ações com Donald Trump, Hungria e Polônia.

Mesmo com as dificuldades apontadas, o governo de Jair Bolsonaro mantém diálogo constante com grupos, governos e políticos de extrema direita, dentre eles grupos neofascistas. Um indicativo disso se deu logo na escolha de Ernesto Araújo como Chanceler, uma personagem que desafia os limites da (in)racionalidade, pautando falas e argumentos em teorias da conspiração das mais estapafúrdias.

Araújo promoveu uma diplomacia anti-diplomacia. Consuelo Dieguez (2019) faz uma minuciosa análise do chanceler, observando suas ligações com o guru da extrema direita brasileira Olavo Carvalho, o que inclusive, foi determinante em sua escolha para o cargo. O guru da extrema direita ainda emplacou outros nomes como Filipe Martins no cargo de assessor internacional do presidente.

Consuelo Dieguez (2019) esmiuça o artigo “Trump e o Ocidente”, nos *Cadernos de Política Exterior*, revista semestral do Ipri, o Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais, do Itamaraty, de autoria de Araújo. O artigo expõe as ideias do chanceler e sua aproximação com ideais da extrema direita internacional, em especial questões como “globalismo”, segundo ele “comandado pelo marxismo cultural”, cujo objetivo seria “destruir os valores cristãos, da família, da sociedade e do Ocidente”. Sua tese é que, desprovidos de seus valores tradicionais, os indivíduos seriam facilmente dominados pelo Estado e triturados pelo mercado global. Traz também questões como a aversão aos Direitos Humanos e a favor de um “patriotismo”. Por sua

vez, coloca Donald Trump como uma espécie de salvador dos valores tradicionais do Ocidente. O ensaio é uma análise de um discurso de Trump proferido em Varsóvia, na Polônia, país também governado pela extrema direita, em 6 de julho de 2017. “Um discurso que nenhum outro estadista no mundo hoje teria a coragem ou a capacidade de pronunciar”, nas palavras do chanceler.

Com isso, alguns apontamentos importantes da política externa brasileira sob o comando Bolsonaro e Araújo, a quase inimaginável subserviência aos Estados Unidos, abrindo mão de relações multilaterais e estratégicas que colocava o Brasil como protagonista no cenário internacional em busca de relações unilaterais com os estadunidenses, além de cenas patéticas do presidente brasileiro buscando demonstrar um afeto inapropriado para a função, como em 25 de setembro de 2019 quando o presidente brasileiro diz “*I love you*” para o presidente estadunidense, além da perigosa atitude de não reconhecer a vitória de Joe Biden em janeiro de 2021, sendo o Brasil um dos últimos países a fazer, tendo inclusive tendo a desfaçatez de falar em guerra contra os norte-americanos.

Ainda sobre o artigo de Araújo guinamos para outros apontamentos, além da subserviência para com o trumpismo, uma aproximação com as extremas direitas em torno do mundo, como a polonesa, que se tornou uma espécie de espelho para o governo Bolsonaro, com a israelense, que é um aporte simbólico do atual governo, visto que o bolsonarismo trabalha com um “Israel Imaginário” como trata Michel Gherman (2020), além dos governos de extrema direita da Hungria e de outros países, esboçando uma espécie de filiação ideológica para com as extremas direitas, inclusive com discursos bem próximos.

Considerações Finais

O governo Bolsonaro transita no interior das extremas direitas, o que por isso já seria suficiente para o caracterizarmos como um governo de extrema direita, mas obviamente ele não para por aí, este se aproxima de tais governos também ideologicamente além de possuir a mesma forma discursiva.

O governo Jair Bolsonaro não pode ser tratado como um governo fascista aos moldes do fascismo clássico, na medida que as condições históricas para tal forma de governo são alocadas a seu tempo, o que não quer dizer que Jair Bolsonaro não seja um fascista ou que não tenha um apreço por uma estética fascista mesmo tendo dificuldades quase anedóticas para se vestir e se portar.

Por outro lado, a partir das considerações de Michael Löwy, há substancialmente aspectos concretos para observar que o governo Jair Bolsonaro não faz uso da simbologia fascista de forma escancarada e se finda nisso, há um projeto de poder que se utiliza do fascismo, mas o atualiza para o seu tempo, o que fica em acordo com o que Paxton elucida acerca da possibilidade do fascismo hoje, assim, Jair Bolsonaro pode ser classificado como um neofascista e por sua vez, tratado assim.

Fiquemos atentos, as extremas direitas no século XXI tem uma característica em comum, elas mudam estratégias e até formas em busca do poder, o que não deveria trazer nenhum espanto, visto que o fascismo, uma de suas faces mais bem sucedidas, tem como característica mais marcante a possibilidade de mudanças constantes, o que inclusive, dificulta sua análise e até mesmo sua definição.

Por tudo isso, fica o alerta enunciado por Jason Stanley (2019, p.14) “a política fascista não conduz necessariamente a um estado fascista, mas é perigosa de qualquer maneira”. O perigo é real, inclusive, ou em especial no Brasil.

Referências Bibliográficas

BIRNBAUM, Pierre. Affaire Dreyfus, culture catholique et antisémitisme. In: *Histoire de l'extrême-droite en France*. Paris: Seuil, 2015.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 3. ed.

BRANDALISE, Carla. A Europa de direita radical. In: *Revista Humanas*, Porto Alegre, v. 22, n. 1/ 2, pp. 77-108, 1999.

BRANDALISE, Carla. BRANDALISE, Carla. *Europes des patries: histórico da extrema-direita europeia*. Revista Cena Internacional, ano 7, n. 1. Brasília: UNB, 2005.

CARVALHO, Daniel Gomes de. A Revolução Francesa dos historiadores: os trabalhos que formaram o nosso conhecimento sobre o tema (Artigo). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historiografia-da-revolucao-francesa/>. Publicado em: 6 out. 2019.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. In: *Conhecer: debate entre o público e o privado*. 2020, Vol. 10, nº 24

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

CAMUS, Jean-Yves. LEBOURG, Nicolas. *Les droites extremes en Europe*. Paris: Seuil, 2015.

DIEGUEZ, Consuelo. O Chanceler do Regresso: Os planos de Ernesto Araújo para salvar o Brasil e o Ocidente. *Revista Piauí*, Rio de Janeiro, Edição 151, abril de 2019. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-chanceler-do-regresso/>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GHERMAN, Michel. Filipe Martins e o Nazismo. *The Intercept Brasil / Youtube*, Rio de Janeiro, 29 de março de 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xh0vOijyvmo&t=4190s>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

LÖWY, Michael. Dois anos de desgoverno: A ascensão do neofascismo. *Adital / Unisinos*, São Leopoldo, 10 de fevereiro de 2021. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606674-dois-anos-de-desgoverno-a-ascensao-do-neofascismo-artigo-de-michael-loewy>>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil. In: *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015, p. 652-664.

LÖWY, Michael. Neofascismo: um fenômeno planetário: O caso Bolsonaro. *Adital / Unisinos*, São Leopoldo, 26 de outubro de 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593814-neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro>>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

PAXTON, R. O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto. et al. (Org.) *Dicionário de política*. Brasília: Editora UnB, 1998. 1v. 11. ed. P. 466-475.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles*. Porto Alegre: LiPM, 2019, 3.ed

WINOCK, Michel. *Histoire de l’extrême-droite en France*. Paris: Seuil, 2015.

WINOCK, Michel. *L’héritage contre-révolutionnaire*. In: *Histoire de l’extrême-droite en France*. Paris: Seuil, 2015.